Revista: Leitura - nº 57 - pg. 56
Data: Março - 1962
Local: Rio de Janeiro
Título: Arte Brasileira nos Estados Unidos
Autor: Berkowitz, Marc

REVISTA: LEITURA - nº 57 - pg. 56
DATA: março de 1962
LOCAL: Rio de Janeiro-RJ
TÍTULO: Arte Brasileira nos Estados Unidos
AUTOR: Berkowitz, Marc

ARTE BRASILEIRA NOS ESTADOS UNIDOS

Ao sair este número da LEITURA, já estará inaugurada a exposição "13 Artistas Brasileiros" no Walter Art Center de Minneapolis, um dos museus de maior prestígio dos Estados Unidos. De lá a exposição seguirá para St. Louis e San Francisco. Trata-se da primeira exposição exclusivamente dedicada à arte contemporânea brasileira em visita aos Estados Unidos. Martin Friedman, diretor do Walter Art Center, veio especialmente ao Brasil, sob os auspícios da Divisão Cultural do Brasil, para fazer a seleção dos artistas a serem convidados e de seus respectivos trabalhos. No Rio e em São Paulo Friedman visitou ateliers e galerias, passou muitas horas na Bienal, e fêz a seguinte lista: Pintura: Ibero Camargo, Danilo di Prete, Milton Dacosta, Manabú Mabe, Aloysio Magalhães, Frans Krajeborg, **Ivan Serpa**; Gravura: Fayga Ostrower, Roberto de Lamônica, João Luís Chaves, Artur Luís Piza; Desenho: Marcelo Grassmann; Escultura: Mário Cravo e Giuliano Vangi. Dêstes artistas, Milton Dacosta, por razões pessoais, se recusou a participar da mostra. Como era de esperar, a seleção foi muito comentada, e nem sempre favoravelmente. Mas como Friedman disse ao fazer a seleção "já é tempo que os brasileiros se acostumem a ser expostos individualmente ou em grupos, sem refletir necessariamente pontos de vista locais".

Pessoalmente não concordo de maneira integral com a escolha feita pelo diretor do Museu Norte-Americano, mas reconheço a validade de seus pontos-de-vista, e reconheço também a sua autoridade, depois de ter privado com ele durante algum tempo. Apesar de sua juventude, Friedman se baseia em anos de estudos especializados, viagens e cargos importantes ocupados em diversos museus. A sua escolha se baseou mais no gosto do seu país, e sobretudo no desenho, na gravura e na escultura, em verdadeiro conhecimento de causa. Ele talvez poderia

ter escolhido mais desenhistas, gravadores e escultores — mas certamente não os melhores. Como também Friedman percebeu logo que era sobretudo nas artes gráficas que o Brasil pode concorrer com outros países em absoluta igualdade de condições — e freqüentemente em condição de superioridade. Assim ele achou — e o declarou publicamente — que a gravura brasileira era talvez a melhor do mundo, contrário a opinião de certos elementos brasileiros, que acham que se trata de uma manifestação apenas epidérmica de virtuosismo técnico. Mas é que Friedman falava com a autoridade de um verdadeiro conhecedor. Estou certo de que a exposição de Walter Art Center será uma contribuição muito positiva à difusão da boa arte brasileira.

OS BRASILEIROS NA BIENAL DE VENEZA

A autoridade e o conhecimento de causa que se sentiam na seleção dos artistas para a exposição nos Estados Unidos, estiveram quase que completamente ausentes na seleção — feita com grande atraso — dos artistas que irão representar o Brasil na Bienal da Veneza. São os seguintes os escolhidos: Pintura: Iberê Camargo, Alfredo Volpi, **Ivan Serpa** e Rubem Valentim, cada um com 6 obras; Desenho: Marcelo Grassmann, com 12 a 15 trabalhos; Gravura: Iberê Camargo, Gilvan Samico, Ana Letycia, Rossini Perez e Isabel Pons, cada um com 6 trabalhos; Escultura: Lygia Clark e Jackson Ribeiro, cada um com 5 trabalhos. Ao ver esta lista de nomes, surgem imediatamente diversas perguntas. Por exemplo: como é que um principiante, do nível medíocre de um Rubem Valentim, pode concorrer ao lado de artistas como Volpi, Camargo e **Serpa**, o que realmente significa uma falta de respeito para com profissionais sérios e conhecidos? Porque é que Camargo, indubitavelmente um artista de grande valor, participa da delegação como pintor e como gravador? Desde quando há falta de gravadores no Brasil? Porque é que o folclore banal de Samico foi incluído? Como é que se teve a coragem de incluir as monotipias de Pons, que representam o que há de pior e mais epidérmico que existe na gravura? Não se enxergou o ridículo que é fazer representar a escultura brasileira pelas "dobraduras" infantis de Clark

e pelas tentativas primárias de Ribeiro? O Brasil pode não ir para a Bienal de Veneza com a intenção de ganhar prêmios (mas nas Bienais tudo é possível), mas pelo menos poderia ter ido com uma certa dignidade. Mas muitas das perguntas acima são respondidas quando se sabe que um dos membros da comissão da Bienal de Veneza foi também o responsável principal pela desastrada premiação na VI Bienal de São Paulo, e pela igualmente fraca delegação brasileira à Bienal de Paris. E quando se sabe que a Sra. Isabel Pons goza de forte prestígio nos meios oficiais.

instituto de arte contemporânea